https://doi.org/10.20396/proa.v12i00.17326

Apresentação: Prêmio Mariza Corrêa de Antropologia Visual 2021

Inácio Saldanha
> inaciosants@gmail.com
Mestrando em Antropologia Social
Universidade Estadual de Campinas

Isabela Cassis Augusto
> isabelaleticiacassis@gmail.com
Mestranda em Antropologia Social
Universidade Estadual de Campinas

Analice Paron de Silva
> paronanalice@gmail.com
Mestranda em Antropologia Social
Universidade Estadual de Campinas

Letícia Vicentin
> leticia.vicentin@hotmail.com
Mestranda em Antropologia Social
Universidade Estadual de Campinas

> Apresentação: Prêmio Mariza Corrêa de Antropologia Visual 2021

Comissão avaliadora:

Inácio Saldanha
https://orcid.org/0000-0003-2188-9905
> inaciosants@gmail.com
Mestrando em Antropologia Social
Universidade Estadual de Campinas

Isabela Cassis Augusto
https://orcid.org/0000-0001-5039-6814
> isabelaleticiacassis@gmail.com
Mestranda em Antropologia Social
Universidade Estadual de Campinas

Analice Paron de Silva
https://orcid.org/0000-0003-3391-9841
> paronanalice@gmail.com
Mestranda em Antropologia Social
Universidade Estadual de Campinas

Letícia Vicentin
https://orcid.org/0000-0003-3794-6273
> leticia.vicentin@hotmail.com
Mestranda em Antropologia Social
Universidade Estadual de Campinas

Temos o prazer de apresentar mais uma edição do Prêmio Mariza Corrêa de Antropologia Visual 2021. A premiação é uma iniciativa dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Unicamp, em uma parceria entre dois projetos do corpo discente do programa que é realizada desde 2017: As *Jornadas de Antropologia John Monteiro* e a *Proa: Revista de Antropologia e Arte*. As *Jornadas*, agora em sua décima edição, são um evento realizado anualmente pelos alunos ingressantes do PPGAS desde o ano de 2011, que tem promovido a comunicação entre as pesquisas

de estudantes de diversas instituições, debates sobre a história e os novos horizontes da antropologia, com atenção para temas sociais e suas implicações éticas, teóricas e metodológicas para o ofício antropológico. A *Proa*, por sua vez, é uma revista científica de periodicidade semestral e formato digital que foi criada por discentes do PPGAS em 2009. Tem se empenhado na publicação e nos debates da antropologia visual, mas também das interfaces entre antropologia e arte e da história da antropologia no Brasil e, em especial, na Unicamp.

O nome do prêmio é uma homenagem à professora Mariza Corrêa, que lecionou no departamento de antropologia da Unicamp por 30 anos e publicou diversos trabalhos nos estudos de gênero e história da antropologia no Brasil, destacando-se na própria constituição desses campos de pesquisa. A premiação, assim, visa o reconhecimento de produções de formato visual e audiovisual que dialoguem com a antropologia com qualidade. A comissão avaliadora tem perfil misto e é composta por duas pessoas do Comitê Editorial da *Proa* e duas pessoas da Comissão Organizadora das *Jornadas*. Em 2021, a revista foi representada por Isabela Cassis Augusto e Inácio Saldanha, e a organização do evento por Analice Paron de Silva e Letícia Vicentin.

A edição de 2021, como na do ano anterior, foi realizada de forma remota no site das *Jornadas*, devido às medidas de isolamento social relacionadas à pandemia de Covid-19, que dura até o momento. Este ano, também, contamos com a contribuição valiosa de membros do Laboratório Antropológico de Grafia e Imagem da Unicamp (LA'GRIMA), nominalmente Alexsânder Nakaóka e Aina Azevedo, que participaram como pareceristas colaboradores e ajudaram a qualificar ainda mais os debates da comissão avaliadora do prêmio e os critérios de seleção das obras finalistas. Nos dias 17 e 18 de novembro de 2021, durante as Jornadas, foram realizadas duas sessões de debate dos ensaios audiovisuais, tendo como debatedores Rodrigo Baroni (doutorando do PPGAS/Unicamp) e Alex Nakaóka, respectivamente.

Os critérios estabelecidos pela comissão, através dos quais os trabalhos inscritos foram avaliados de forma coletiva, foram a qualidade etnográfica e os aspectos técnicos. No primeiro, de maior peso, foram consideradas a reflexividade e a composição narrativa através do campo. No segundo, de menor peso, foram observados o enquadramento, a iluminação e a definição da imagem, considerando a proposta da elaboração da narrativa da obra particularmente.

A pandemia e os processos de transformação e continuidade associados a ela foram temas presentes entre os trabalhos finalistas, assim como o desenho foi um recurso que, como reconhecemos e celebramos, esteve entre os mais aproveitados na construção de outras formas de fazer etnográfico, no caso dos ensaios visuais que recebemos. O tema mais comum, porém, foi a variedade de formas de resistência frente a um contexto político crítico de ameaça a povos e comunidades tradicionais e outras formas de ser, desde as práticas de cura até as sexualidades dissidentes. Foram recebidos, no total, 19 ensaios visuais e 10 trabalhos audiovisuais, que apresentamos a seguir, deixando os premiados para o final. Acreditamos que o panorama de trabalhos finalistas reflete o quão vibrante tem sido o cenário de discussão de alternativas políticas, mas também etnográficas e epistemológicas, em nossos tempos.

1 Ensaios audiovisuais

A seleção dos filmes finalistas reúne visões de múltiplos cenários, que cruzam de diferentes formas temas como a memória, a religião, povos e comunidades "tradicionais" e a urgência das crises contemporâneas.

Dentre os trabalhos audiovisuais finalistas, está *Assentamento Terra Vista*, de Alejandro Escobar. Trata-se de um curta-metragem de 9 minutos que documenta o trabalho de assentadas e assentados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com o cultivo

do cacau no assentamento que dá nome ao filme, no município de Arataca, Bahia. Em *Narrativas e Trajetórias Negras do Velho Chico*, Simone Ramos retrata a relação com o trabalho e com a coletividade na Comunidade Quilombola de Caatinguinha, uma das que compõem o Território Águas do Velho Chico, em Orocó (Pernambuco). Com o registro de narrativas dos próprios moradores, a produção foi pensada e realizada com a participação dos mesmos.

Já o filme-ritual *Apyãwa (Tapirapé): Iraxao Rarywa* tem a corajosa proposição de criar a visão de um espectador interno ao ritual Iraxao Rarywa, realizado sazonalmente pelos povos Apyãwa e Inỹ na Terra Indígena Urubu Branco, no Mato Grosso. Com direção coletiva de Yrywaxã Tapirapé, Paula Grazielle Viana dos Reis, Luís Oliveira e Vandimar Marques Damas, nos é apresentada a expressão de uma cosmovisão amazônica como reduto resistente em oposição ao mundo do capital.

Por sua vez, *Meu Antídoto e Meu Veneno*, de Clarissa Reche Nunes da Costa, experimenta novas linguagens de documentação e reflexão sobre as conexões entre as medidas de isolamento social durante a pandemia de Covid-19 e a propulsão da comunicação digital sobre a vida cotidiana.

(Des)afetos: A composição das emoções na política brasileira é fruto de uma parceria entre o Coletivo de Mídia Livre Vai Jão e Kjetil Klette Boehler. O filme de 47 minutos é pensado como uma cartografia das relações entre emoções e política nas manifestações pró e contra a eleição de Jair Bolsonaro para a presidência da república em 2018. Com um estilo narrativo propositalmente quebradiço, dá ênfase às disputas discursivas relacionadas a eixos como gênero, raça, classe e sexualidade nos recursos visuais e nas falas dos manifestantes.

O *Projeto Curas* é composto de dois episódios que registram narrativas de formas comunitárias de rezar e curar em Poço de Caldas, no sul de Minas Gerais. Em cada um, dona Conceição Teodora e Lucília

Breves de Souza compartilham suas relações com a espiritualidade e o cuidado em suas trajetórias, através da prática do rezar. A série é resultado de um trabalho criativo coletivo de Conceição Teodora, Lucilia Breves, Lucia Breves, Gabriela Acerbi Pereira, Debora Romano, Maisa Ferreira, Ana Maria de Paula e Robson Américo de Paula.

Como menção honrosa, foi selecionado o documentário etnográfico *Histórias de lugares que só existem na memória* (10 min.), de Edmar Mota e Marcos Venicius (Dudu Santos). Trata-se de uma exploração em campo da memória, através de casas abandonadas na comunidade rural de São José (em São Raimundo Nonato, Piauí), revisitadas pelos seus antigos moradores, seus filhos e netos.

2 Ensaios visuais

Os ensaios visuais finalistas apresentam um arranjo variado de experimentações técnicas com questões antropológicas, políticas e cotidianas que são marcantes da contemporaneidade.

Os desenhos de *Entraves e desentraves: o desenho como instrumento para um processo de escrita relacional*, de Adara Pereira da Silva (2020), compuseram a metodologia de pesquisa da dissertação da autora, uma etnografia de compras femininas. O colorido das peças leva as impressões do campo empírico para além da dimensão escrita do diário de campo no trabalho antropológico.

Alex Hermes apresenta uma série de 8 colagens nomeadas como desvios em *Estação Mucuripe: Investigação sobre procedimentos de montagem e desmontagem*. A série encerra um trabalho fotográfico que teve início em 2012 no Porto de Jangadas do Mucuripe, em Fortaleza (Ceará).

Em *"Território: nosso corpo, nosso espírito": A Primeira Marcha das Mulheres Indígenas*, Amanda Jardim cruza um ensaio fotográfico com falas de mulheres indígenas sobre o evento realizado em 2019, em Brasília.

Com direção de Andréa D'Amato, *Ousadias e gaiatices* é um conjunto de fotografias lúdicas realizadas pelas crianças Daniele, Emidinha, Gustavo, Jaciara, Jamile, Jonathan, Laiana e Lorraine, moradoras da ilha de Itaparica, na Bahia. O ensaio visual não tem uma narrativa convencional, cruzando a interlocução de campo entre o aprendizado da antropóloga das dinâmicas de lazer e "traquinagem" e o aprendizado das crianças das técnicas de fotografia e, de ambas as partes, das possibilidades de registro do cotidiano.

A escola como lápide: um ensaio sobre os rabiscos que a pandemia não conseguiu apagar de Hildon Oliveira Santiago Carade, é um registro etnográfico dos rabiscos feitos por estudantes em uma escola. As fotografias em preto e branco imprimem um tom de passado aos registros juvenis que sobreviveram aos meses de suspensão das atividades presenciais no espaço escolar, durante a pandemia de Covid-19.

O ensaio *Desenhos em etnografia sobre casas de mulheres* de Isabela Vianna Pinho é um outro exemplo de uso dos desenhos como recurso visual do trabalho etnográfico. As figuras são de autoria de Bruno, Miguel e Laura, filhas das mulheres que foram sujeitas centrais da pesquisa. O conjunto das singelas representações chama atenção para a importância gráfica e êmica da casa e da família.

No título de *Proposições etnográficas visuais às margens do Trombetas: do "mito da natureza intocada" às marcas de um desenvolvimento canibal num rio amazônico*, Juliana Cardoso Fidelis faz uma referência direta ao livro de Antônio Carlos Diegues (1994) sobre a produção pelos discursos ambientalistas de noções de natureza pura, sem presença ou interferência humana. Aqui, o "mito da natureza intocada", encarnado na Amazônia sob ameaça, aparece como uma produção do discurso desenvolvimentista, e o ensaio traça uma narrativa visual que termina em fotografias do cotidiano da comunidade quilombola e sua relação com o rio Trombetas (no interior de Orixi-

miná, Pará), e termina com uma oposição avassaladora da presença da mineração nas proximidades.

Do conceito ao desenho: percursos de uma antropologia gráfica de Katianne Almeida, consiste em uma ideia metalinguística de expressar a narrativa do trabalho de pesquisa através de auto-desenho, desenho etnográfico, colagens ilustrativas e esquemas gráficos. As peças que compõem o trabalho se inspiram na teoria antropológica e em conceitos dos debates raciais que desenvolvem reflexões da autora sobre a ilustração como potencialidade etnográfica e as questões que envolvem a pesquisa em torno da negritude por uma pessoa branca.

Laís Pereira Costa usa a fotografia para explorar a materialidade dos lares e das paisagens naturais no norte de Minas Gerais em *O Ser-Tão Novorizonte em fotografias*. Seu ensaio visual retrata as ruínas, os utensílios, os brinquedos e o pôr do sol, com a multiplicidade de sentidos que são atribuídos a eles pelos moradores.

O ensaio fotográfico de Lara Vaz e Jessica Nascimento, *Comidas do rio e floresta: retratos culinários na comunidade quilombola de Mangueiras na Ilha do Marajó, Pará*, é um trabalho de antropologia da alimentação. Aqui, em vez das pessoas, cuja presença nas fotos é coadjuvante, o foco é a presença visual dos peixes, caramujos, "bichos do tucumã", fogões de lenha e pratos de arroz e feijão que são produzidos através e produzem sentidos de ordem material, afetiva e coletiva.

Laroyê Exu: Quimbanda em Madrid, de Lorran Lima, é um conjunto de fotografias realizadas em 2019 que registram uma cerimônia umbandista para Exu Giramundo, no Ilê Ogum Oia Axé Odara, na cidade de Madri (Espanha). O ensaio dá ênfase às posições, vestuário e dinâmica dos participantes.

Em *Fumo, fogo e fumaças*, Maiara Damasceno da Silva Santana e Gutemberg Santana de Jesus cruzam fotografias em cor e em preto e branco para retratar a importância do fumar para o povo Kariri-Xocó,

que vive no estado de Alagoas. Aqui, a fumaça que sai da xanduca (espécie de cachimbo usado por essa nação indígena) aparece com destaque junto a expressão daqueles que fumam, em um ato de comunicação e espiritualidade.

A série de fotografias em preto e branco de Mayane Batista, intitulada *Longe das capitais*, reúne paisagens da cidade de Iranduba, no interior do Amazonas, que a autora retrata em uma oposição às paisagens metropolitanas de capitais brasileiras. Os registros evidenciam a dupla presença de elementos "naturais" e "culturais" como no encontro da ponto com o rio, da pessoa na estrada e da revoada de pássaros com os fios elétricos.

Natalia Negretti observa as relações entre os usos e sentidos de prisão e museu, memória e patrimônio em dois espaços em *Entre prescrição e sentença de lembrar e tombar: arranjos e políticas em torno de prisão, memória e patrimônio*: Casa de Cultura de Pernambuco (em Recife, no Brasil) e do Museu Penitenciário de Ushuaia (na Terra do Fogo, na Argentina). As fotografias coloridas lançam olhares sobre as paredes e os elementos que compõem intencionalmente ou não a reutilização reflexiva e recreativa de antigas instituições penitenciárias.

A relação dos lagos amazônicos com os moradores de suas margens é o tema de *No círculo das afluências: inscrições no olhar sobre os lagos Badajós e Piorini*, ensaio fotográfico de Priscilla Oliveira de Souza. Os registros em cor trazem, ora de forma próxima, ora distanciada, a centralidade do trabalho e do lazer nessa relação, seja na pescaria ou na agricultura, no passeio ou no banho. Ao final, as crianças em canoas, meio de transporte representativo da identidade local neste trabalho, encerram de forma mais sutil a narrativa que o ensaio desenvolve de grandeza da paisagem natural do norte do país.

Rafael Pinheiro registra dois shows musicais da multiartista Linn da Quebrada realizados em dois espaços culturais da cidade de São Pau-

lo em 2019. *Linn(da) que brada: registros de uma artista dissidente* destacam a importância cenográfica e comunicativa da expressão visual, das vestimentas e do dildo molhado de leite condensado na performance. Movimentação, negritude, sexualidade e travestilidade se encontram no ensaio fotográfico.

A menção honrosa para ensaio visual foi concedida a *Desenhando Paisagens Multiespécies: Experimentações ao redor de gigantes em Cabedelo – PB*, pelo instigante trabalho de Sthevson Lourran de Melo Santos na experimentação do desenho como recurso etnográfico. As ilustrações sem cor capturam detalhes, movimentos, sentidos e sensibilidades encontrados no seu campo.

3 Trabalhos premiados

A produção audiovisual premiada foi *Firma o Ponto, Filho de Fé*, de Giovanna Colussi, sobre a importância da musicalidade para a umbanda, através de gravações de ritos e entrevistas na Tenda de Umbanda Estrela Matutina, em Campinas (São Paulo). Trata-se de um trabalho etnográfico independente com qualidade técnica, sensibilidade estética e antropológica.

Na categoria ensaio visual, o trabalho premiado foi *Tecendo a vida em preto e branco* de Vinícius Venancio. O conjunto de fotografias em preto e branco retrata com grande êxito estético o trabalho artesanal de homens caboverdeanos na tecelagem do *panu di terra*, com ênfase na atenção, nas mãos, nas ferramentas e no trabalho em curso.

Parabenizamos os vencedores de ambas as categorias e estimulamos as pessoas interessadas a participar das próximas edições da premiação. Ambos os trabalhos seguem na seção de Galeria da edição nº 12 da Proa. Convidamos você a conhecê-los agora.

REFERÊNCIAS

DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SILVA, Adara Pereira da. **O ciclo das compras: uma análise etnográfica sobre compras femininas de roupas, acessórios e maquiagens em Natal**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

"Apresentação: Prêmio Mariza Corrêa de Antropologia Visual 2021", de autoria de Inácio Saldanha, Isabella Cassis Augusto, Analice Paron de Silva e Letícia Vicentin, está licenciado sob CC BY 4.0.